



## **A Evolução Ambígua: Estudos Comparativos de Cultura da Mídia Aplicados aos Filmes *Independence Day* e *Beleza Americana*<sup>1</sup>**

Renato Márcio Martins de Campos<sup>2</sup>  
Centro Universitário de Araraquara - UNIARA  
Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP

Marcela Cristina de Campos Ambrús<sup>3</sup>  
Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura – FIEC  
Colégio Pólo Educacional

### **Resumo**

A sociedade contemporânea é cada vez mais influenciada e dependente das atividades midiáticas, já que estas, muitas vezes, estão disponíveis e acessíveis em momentos significativos de lazer e cultura. Este artigo visa pontuar aspectos influenciadores na propagação da cultura dos Estados Unidos, sob o viés de estudos da cultura da mídia. A proposta é de um estudo comparativo de dois longa metragens ressaltando imagens e mensagens da trama e o significado de seus títulos e cenas selecionadas. Para um melhor entendimento dos fatos aqui relatados, tabelas foram anexadas, delimitando o tempo exato da cena em questão, a sua breve descrição e o apelo que ela sugere. O filme *Independence Day* (1996) demonstra a ênfase ao processo hegemônico, ao americanismo. *Beleza Americana* (1999) aponta resistência e crítica ao protótipo da cultura norte-americana.

**Palavras-chave:** Correntes Teóricas; Indústria Cultural; Cultura da Mídia; Hegemonia; Resistência.

### **O Conceito de Cultura da Mídia**

Neste artigo propõe-se o foco no conceito de cultura da mídia sugerido pelo norte-americano Douglas Kellner, como conceito e posicionamento adotado *a priori* para análise das produções fílmicas previamente selecionadas.

Através da definição de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), os teóricos da Escola de Frankfurt evidenciavam que a produção artística e cultural na atualidade é organizada sob moldes das relações capitalistas, fato que atende aos padrões sociais, ideológicos e econômicos de tal regime e o reproduz. Neste sentido, a própria produção cultural do ser humano se transforma em mercadoria e se adapta aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Renato Campos. Docente da UNIARA e UNAERP. Pesquisador e coordenador do projeto mantido pela Uniara e Funadesp: Teorias da Comunicação e Cultura da Mídia. Mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Coordenador do CIC (Centro de Informação em Comunicação), email: [renatodecampos@yahoo.com.br](mailto:renatodecampos@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Marcela Cristina de Campos Ambrús. Docente da FIEC e Colégio Pólo Educacional. Especialista em Língua Inglesa pela Unibero. Graduada em Letras (UMC), Pedagogia (Uninove) e Gestão Empresarial (Fatec). [marcela\\_cmc@yahoo.com.br](mailto:marcela_cmc@yahoo.com.br)



moldes da economia de mercado. Todo este processo é chamado de Indústria Cultural e serve, segundo os teóricos evidenciados, como uma forma de dominação e perpetuação do regime capitalista e sua forma de dominação. Entretanto, tal posicionamento teórico carece de uma atualização, conforme propõe Lessa:

Um dos questionamentos básicos para a produção teórica em comunicação seria como traçar um viés crítico às produções midiáticas na pós-modernidade sem incorrer em um posicionamento polarizado como a dos frankfurtianos em relação à indústria cultural. Faz-se necessário, então, perceber como um conceito advindo de uma escola de tradição marxista, faz-se tão presente em nossa realidade impregnada pelas regras de mercado (...) A cultura da mídia produzida e direcionada às massas é, portanto, fruto de uma indústria cultural estabelecida através de grandes conglomerados de comunicação e formatada através de suportes tecnológicos cada vez mais sofisticados. Entretanto, Kellner chama atenção para este fator multifacetário, não se pode se restringir ao antigo discurso entre direita e esquerda. Socialismo e capitalismo não mais embatem entre si na disputa política e ideológica. Ao contrário, percebe-se uma incorporação dos discursos progressistas e conservadores no cenário midiático. Os meios de comunicação de massa passam a ser o palco de discussões e tendências sociais, produz-se à socialização, rivaliza-se com outras instituições sociais tradicionais deste cenário, mas também se produzem questionamentos (LESSA, 2004, p.10).

A forte presença dos meios de comunicação de massa no cotidiano das pessoas acontece a partir da ocupação do tempo livre dos indivíduos com atividades que os distanciem do trabalho. À medida que as massas se dispõem a disponibilizar maior parte de seu tempo às atividades midiáticas aumenta o valor, em termos de importância, e a influência dos veículos de comunicação de massa na sociedade contemporânea. Tal influência e penetração determinam o modo de vida atual em que muitos autores pontuam como a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), o planeta mídia (MORAES, 1998) e outras definições que demonstram a transformação do mundo e da produção cultural em uma espécie de matriz midiática, ou seja, envolvida e dependente da produção cultural mediada pelos veículos de comunicação de massa.

À medida que a importância do trabalho declina, o lazer e a cultura ocupam cada vez mais o foco da vida cotidiana e assumem um lugar significativo. Evidentemente, devemos trabalhar para auferir os benefícios da sociedade de consumo (ou para herdar riquezas suficientes), mas supõe-se que o trabalho esteja declinando em importância numa era em que, segundo se alega, os indivíduos obtêm mais satisfação do consumo de bens e das atividades de lazer do que das atividades laboriosas. (KELLNER, 2001, p.29).

O posicionamento adotado por Kellner (2001, p.79) ao propor o conceito de cultura da mídia não parte de uma questão ingênua de negar os processos de dominação



e exercício da ideologia dominante. Ao contrário, o autor admite e considera o fator de manipulação a partir da mídia.

Para explicar melhor este posicionamento teórico cabe salientar que Kellner (2001, p.79) vislumbra a presença dos veículos de comunicação de massa na sociedade contemporânea como um palco midiático onde acontecem as discussões sociais em termos de exercício da hegemonia e da resistência, grupos sociais que, através da mídia, conseguem veicular suas produções que, ora são extremamente críticas ao sistema estabelecido, ora estão altamente integradas ao processo de dominação. Tais possibilidades acontecem por causa da necessidade dos veículos de comunicação de massa estarem em constante busca pela audiência e, a partir desta necessidade, abrirem espaços para vários posicionamentos, inclusive das minorias sociais.

Este trabalho, em termos de aproximação e foco teórico procura, ao eleger produções cinematográficas específicas, desenvolver um exercício de análise em termos de cultura da mídia de tais obras; visa evidenciar os fatores ideológicos que constituem a construção do discurso e da narrativa de tais filmes e por fim, tenta demonstrar como tais produções ligadas ao lazer e ao entretenimento acabam por se consolidar enquanto instrumentos de discussão de questões sociais neste palco de debates contemporâneos que a mídia se tornou. Os filmes selecionados para discussão são: 1. *Independence Day* (1996); 2. *Beleza Americana* (1999).

A justificativa para a escolha de tais filmes, a qual não foi apenas aleatória, apresenta-se na necessidade de se encontrar filmes onde as posições sociais, em termos de hegemonia e resistência, fossem bastante explícitas e realmente ilustrassem posicionamentos diferenciados em termos culturais e sociais, perante a sociedade e através da mídia cinematográfica ou audiovisual.

### ***Independence Day* (1996)**

*Independence Day* é um filme que se baseia em relatos de alienígenas presentes na Terra e que já se tornaram lenda nos estudos de ufologia nos Estados Unidos. Em vários pontos do planeta discos voadores aparecem no filme, algumas das principais cidades do mundo estão posicionadas como alvo destes objetos voadores. A partir da descoberta de uma espécie de contagem regressiva, vem a tona o objetivo dos invasores: o ataque ao planeta e à raça humana. Quando os ataques se iniciam, revela-se uma força avassaladora por parte dos alienígenas, tanto que a tecnologia disponível para



o homem, parece não ser suficiente para derrotá-los. Coincidentemente tal invasão acontece nas vésperas do dia de independência dos Estados Unidos.

Em termos cronológicos a narrativa avança da seguinte forma: dia 2 de julho, os sistemas de comunicação do mundo inteiro entram em pane, na realidade há uma interferência nestes sistemas de comunicação. Logo se descobre que existem objetos não identificados em curso de colisão com o planeta Terra.

Após várias tentativas de contato, um técnico em comunicação descobre que os seres do espaço estão usando os satélites terrestres para se comunicarem e iniciarem, em menos de um dia, um ataque conjunto nas principais cidades do planeta. No dia 3 de julho o ataque alienígena começa de forma esmagadora e nem armas nucleares conseguem destruir a blindagem protetora das naves. Mas no dia 4 de julho, surge uma possibilidade de vencer o invasor e nesta hora todas as nações precisam se unir, pois está em jogo a existência da raça humana. Na iminência do contra ataque por parte dos aviões norte-americanos há todo um discurso por parte do presidente norte-americano (também piloto de caças), o que transformaria o dia da independência dos Estados Unidos no dia da independência de todo o planeta.

Durante o filme, percebe-se a presença geral do americanismo. São eles, os norte-americanos, os principais alvos dos ataques alienígenas e também os que conseguem salvar o planeta com seus planos magníficos. A mensagem central da ficção faz parte de uma produção em massa que intensifica a ideologia norte-americana e a exacerbação do sentimento nacionalista. O título é totalmente explícito ao dia 04 de julho de 1776, dia da independência dos Estados Unidos que no filme, mais parece a liberdade global a partir da derrota dos alienígenas por conta das habilidades e sabedoria de seus líderes.

Nas sequências destacadas a seguir pode-se observar de modo geral, este posicionamento, inclusive na construção dos personagens centrais da trama: 1. O presidente dos Estados Unidos é no filme, o mais jovem já eleito, advém de uma carreira militar em que foi piloto de caças. 2. O personagem Steve é um habilidoso piloto da marinha norte-americana, o qual influencia e participa na parte operacional de combate aos alienígenas. 3. Por último, o personagem David, um trabalhador da área de comunicações que entende dos sistemas de informação e cuja perspicácia descobre, antes mesmo dos membros do pentágono, o intuito de destruição do planeta Terra por parte dos invasores. Também contribui ao desenvolver a estratégia de ataque aos alienígenas com uma espécie de vírus de computador.



*Independence Day* abusa dos valores e símbolos norte-americanos, a começar pelo próprio dia de independência do país. A bandeira norte-americana (que aparece aproximadamente vinte e cinco vezes, muitas delas muito próximas ao presidente e até mesmo na Lua), a Casa Branca (pelo menos seis vezes, inclusive quando é destruída), a estátua da liberdade (em uma das aparições o foco é na inscrição “July 4th”), as várias citações às grandes cidades dos Estados Unidos, a reconhecida placa de Hollywood no topo de uma montanha, e em termos comerciais o produto explorado é a Coca Cola, cuja marca aparece pelo menos quatro vezes durante o filme.

A seguir destacamos três sequências do filme que evidenciam o posicionamento hegemônico e ideológico conforme a análise de Douglas Kellner e o conceito de cultura da mídia.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
0h02m21s	Novo México – SETI (sigla em inglês para: Instituto de Pesquisa de Inteligência Extraterrestre), vários cientistas atuam no instituto e detectam o sinal alienígena.	Tecnologia



Em vários momentos este fator tecnológico é destacado na narrativa do filme, inclusive quando o técnico de televisão ou sistemas de informação David aparece em seu trabalho, este o é cercado por recursos tecnológicos. O material militar também é extremamente superior, não se destaca os recursos militares de outros países. Quando estes últimos aparecem, as referências são desertos, florestas ou pirâmides.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
1h00m00s	Começa a perseguição que dura aproximadamente dez minutos e culmina com a queda de uma nave alienígena, com as estratégias do piloto Steve.	Habilidade



A habilidade do piloto de caças Steve é demonstrada nesta sequência, inclusive sua coragem ao encarar o alienígena frente a frente. Cabe destacar parte da fala deste personagem para ilustrar como, durante a narrativa do filme, a capacidade militar norte-americana é trabalhada. “Vem aqui, vem aqui... Tá vendo, é isso que acontece! A nave tá toda ferrada! Tá pensando o quê? (...) Espere até eu arranjar outra



nave! Pode fazer fila, você e seus amiguinhos”. O personagem sobe na nave extraterrestre e abre a escotilha: “Cadê você hein, cadê você?”; acerta um soco na cara do alienígena: “Bem vindo à Terra!”.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
1h50m47s	Discurso do presidente norte-americano que inclusive é piloto de caças, em frente ao hangar militar para plateia de pilotos e civis.	Ideologia



O aspecto ideológico trabalhado nesta sequência diz respeito a tornar uma data do calendário dos Estados Unidos algo que deve ser lembrado por todos no planeta. A evidência da análise deste discurso enquanto posicionamento ideológico, acontece a partir de sua simples leitura.

Bom dia, em menos de uma hora estes aviões se juntarão a outros de todos os cantos do mundo. Vocês darão início a maior batalha aérea da história da humanidade. Humanidade, esta palavra deverá ter um outro sentido para nós. Não podemos mais ser consumidos por pequenas diferenças. Estaremos unidos por um interesse comum, talvez seja o destino que hoje seja o quatro de julho. E vocês estarão novamente lutando por nossa liberdade. Não contra a tirania, opressão



ou perseguição. Mas contra a total aniquilação. Estamos lutando por nosso direito de viver. De existir. E quando ganharmos o dia, quatro de julho, não será mais apenas uma data americana, mas o dia em que o mundo declarou a uma só voz, nós não nos entregaremos em silêncio. Nós não vamos sucumbir sem brigar. Nós continuaremos, nós vamos sobreviver. Hoje nós celebramos nosso dia da independência! (EMMERICH, 1996).

### ***American Beauty (1999)***

Beleza Americana é uma crítica a atual formação da família norte-americana média ligada ao consumo e às parcas relações familiares na vida típica num subúrbio dos Estados Unidos. Lester Burnham (Kevin Spacey) não se adequa mais ao seu emprego e se sente impotente perante sua vida e à sua família. Carolyn (Annette Bening), sua esposa, o odeia e mantém relações extra conjugais; sua filha Jane (Thora Birch) despreza-o e o acha um fracassado. Até que conhece Angela Hayes (Mena Suvari), amiga de Jane. Encantado, por uma paixão e admiração essencialmente platônica, Lester se predispõe a dar a volta por cima. Pedê demissão de seu serviço e começa a reconstruir sua vida, com a ajuda um tanto quanto diferenciada de seu vizinho Ricky (Wes Bentley). Motivado por esta paixão proibida, Lester decide fazer algumas mudanças em sua vida que, na verdade, são mais um renascimento da adolescência que uma crise de meia-idade. Quanto mais livre ele se torna, mais feliz fica, e menos preso se sente em relação às suas obrigações familiares e de imagem social, até que uma reviravolta da narrativa decreta um fim trágico a este personagem que renascia das cinzas de sua vida de derrotas.

Durante a trama, percebemos que o foco é a abordagem do comportamento humano; as pessoas procuram significados às suas vidas diariamente e encaram muitas vezes fracassos e decepções contínuas ao invés da tão esperada vitória. O vazio característico do cotidiano supérfluo é evidenciado com o símbolo da rosa; *american beauty* é um tipo de rosa norte-americana que apresenta uma peculiaridade por não possuir espinhos e nem ao menos cheiro, itens característicos das rosas em geral, o que gera uma metáfora sobre o vazio singular do americano. A simbologia dessa flor remete-nos à ausência da essência da humanidade que o povo norte-americano apresenta atualmente, por acreditar que fazem parte de uma nação superior às demais.

O personagem de Kevin Spacey demonstra a frustração no papel do pai, denominado Lester Burnham, que enfrenta em sua vida a falta de liberdade de dizer ou



fazer o que ele realmente pensa ou sente. Com a influência do vizinho e após a sua auto revigoração influenciada por Angela Hayes, amiga de sua filha, ele se supera e começa a levar um estilo de vida totalmente diferente ao que estava acostumado.

Através de uma forma irônica e muitas vezes sarcástica, nota-se uma crítica intensa durante a trama, ao *american way of life*, a esta crença de superioridade e modo de vida nacionalista norte-americano, que não pode ser abalado ou negociado; esse aspecto inabalável é estremecido no longa metragem e protagonizado através de seus personagens.

O drama psicológico vivido pelos personagens do filme acaba por transmitir uma mensagem crítica à organização social norte-americana. No processo de construção dos personagens uma série de características psicológicas foram traçadas e, de certa maneira, acabam por extrapolar paradigmas da sociedade atual. Tal abordagem, em termos de cultura da mídia, posiciona o filme *American Beauty* como crítico aos padrões vigentes nos Estados Unidos, em termos de comportamento, moda, estilo de vida, vida familiar, trabalho e cotidiano. Fato que direciona o espectador a desenvolver uma análise ou, pelo menos, rever seu posicionamento, sua vida.

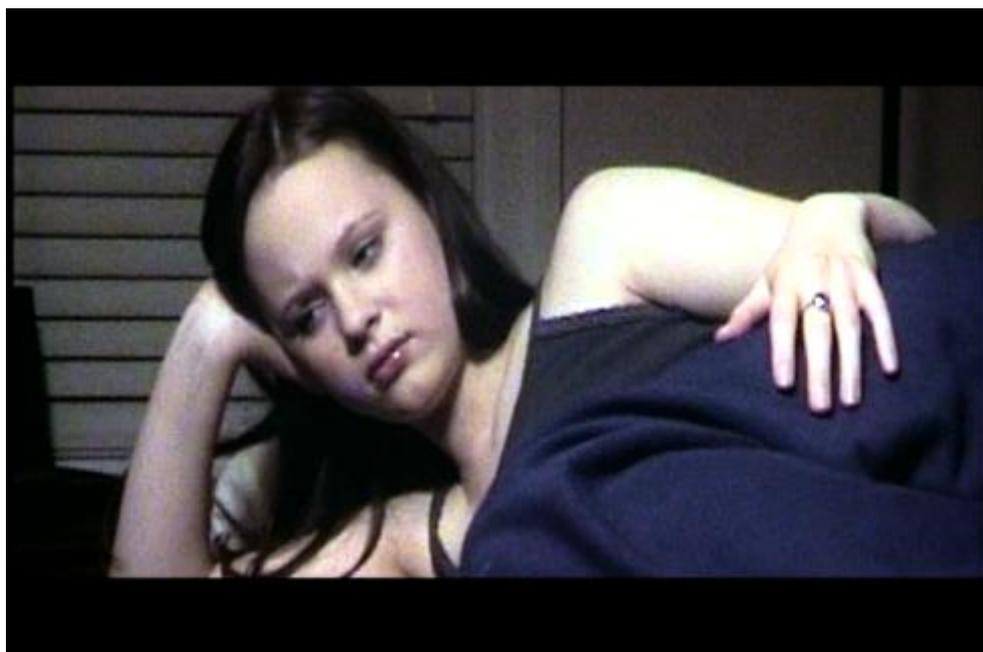
Antes de verificar as sequências destacadas do filme que ilustrarão alguns pontos específicos e representativos da cultura da mídia, cabe traçar algumas características dos personagens. Lester Burnhan passa por uma fase altamente conturbada de sua vida e reage promovendo mudanças que o leva à morte. Num primeiro momento se apresenta como um perdedor. Envolvido com um trabalho enfadonho de quatorze anos na área de propaganda, demonstra um péssimo relacionamento familiar e sexual. Carolyn, sua esposa está em constante busca por afirmação profissional que compense seu casamento em declínio e seu distanciamento com a filha adolescente. Jane é a filha rebelde, estudante e que se afasta dos pais pelo simples fato deles existirem, ou mesmo pela separação natural que foi gerada pela dualidade trabalho e família.

Há uma nova família de vizinhos, recém chegados ao bairro, e que terão papel fundamental na trama: o pai da nova família é militar aposentado, Coronel Frank Fitts que, durante o filme, revela-se um pai extremamente opressor em relação ao filho Ricky, o qual é traficante de drogas e voyer. Frank Fitts acompanha detalhes e todas as atitudes de seu filho, o qual já foi internado em uma clínica quando revelou ser usuário de drogas. Ricky, após várias tentativas de aproximação, inicia um namoro com Jane, filha de Lester.



Seguem, então, as sequências selecionadas.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
00h00m33s	Close em Jane com o namorado Ricky gravando sua fala, desabafo e expressões.	Relacionamento familiar



Esta cena, logo no início do filme, revela-se uma cena no futuro; logo após, a narrativa fará uma digressão temporal. A fala de Jane, filha do casal principal, realmente demonstra a questão da crise em termos de relacionamento familiar: “Preciso de um pai que dê o exemplo. Não de um idiota que fica excitado toda vez que trago uma amiga da escola. Que imbecil. Alguém tinha que acabar com ele”. Fato é que realmente alguém o mata no final do filme. Ao analisar o discurso da personagem, posicionado no início de toda narrativa, percebe-se que a trama, talvez caminhe para a morte.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
00h02m23s	Carolyn (esposa) cortando rosas no jardim.	Consumo



Nesta sequência também é o discurso que explicita a crítica ao consumo. O narrador é o próprio protagonista, o personagem Lester que diz: “Viram como o cabo da tesoura combina com os seus sapatos? Não é por acaso”. Assim evidencia-se a questão do consumo, focando na personagem Jane, percebe-se que a mesma é meticulosa em termos de moda, decoração da casa e bastante orientada ao trabalho, tanto que se sente frustrada ao não conseguir vender e auferir lucros do setor imobiliário onde atua.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
00h17m13s	Apresentação das <i>cheer leaders</i> , onde Lester demonstra interesse sexual por Ângela (amiga de Jane).	Comportamento
00h21m30s	Aparição noturna de Ricky com câmera de vídeo, realizando uma gravação de Jane no quintal.	Comportamento
00h25m30s	Diálogo no carro da família Fitts (Frank e Ricky).	Comportamento
00h26m26s	Angela Hayes que, apesar de adolescente, sempre	Comportamento



	aborda o tema sexo e trata as demais colegas como inexperientes e recalçadas.	
--	---	--



Destacamos estas quatro sequências do filme por se tratar do aspecto comportamento, talvez o foco crítico da narrativa do filme, o comportamento humano na sociedade do consumo e da mídia. A primeira sequência da tabela aborda o problema de comportamento de Lester que, uma vez frustrado familiar e sexualmente, começa a projetar interesse na amiga adolescente de sua filha.

Na segunda sequência aparece o futuro namorado de Jane, Ricky além de fazer tráfico de drogas, utiliza os ganhos auferidos para compra de tecnologia audiovisual e se torna aficcionado pela produção de vídeos do cotidiano das pessoas ou mesmo objetos e animais. Trata-se do voyeurismo tão presente na sociedade contemporânea onde um dos formatos de sucesso para a programação televisiva é o *reality show*.

A terceira sequência menciona o comportamento do coronel Frank Fitts, pai opressor e rígido na educação do filho, mas que, no entanto, é driblado por Ricky que consegue praticar seus atos ilícitos fingindo obediência ao pai. Frank, no decorrer do filme, se demonstra extremamente contrário aos gays e às drogas. No decorrer da narrativa, Frank irá se demonstrar além de opressor, um reprimido em termos de comportamento social. O diálogo que os dois têm no carro da família, a caminho da



escola, esclarece esta posição: “Por que esses veados sempre querem que saibam o que são?”. Resposta do filho: “Esse é o ponto. Eles não veem motivos para se envergonhar”. Frank: “Bem, deveriam” (...) “Não me trate como se fosse sua mãe garoto”. Ao que consegue, então, direcionar a fala do filho, mas não identifica o sarcasmo: “Perdoe minhas palavras, senhor. Esses veados me enjoam a ponto de vomitar”.

Ângela, amiga de Jane, sempre se posiciona como uma pessoa experiente, apesar da pouca idade, em termos sexuais. Esta sequência é interessante para o desenvolvimento da trama pois, a partir deste momento, Ângela começa a se oferecer a Lester, fato que contribui bastante para a mudança de comportamento do principal protagonista do filme.

Tempo	Descrição da Cena	Apelo
00h52m00s	Cena de entrega do relatório de cargos e funções solicitado pela direção onde Lester trabalha há 14 anos.	Trabalho



Nesta sequência Lester demonstra desprezo pelo emprego que atua há 14 anos. Foi solicitado ao mesmo que desenvolvesse um relatório de cargos e funções devido a um possível corte de número de empregados na empresa. A insatisfação com as funções desempenhadas há tanto tempo numa empresa que possivelmente não o



premiou em termos de carreira detona o seguinte memorando remetido ao seu diretor, cujo conteúdo revela tal problemática: “Meu trabalho consiste em disfarçar meu desprezo pelos babacas no poder e pelo menos uma vez ao dia, ir ao banheiro me masturbar e imaginar uma vida que não pareça tanto com o inferno”.

As sequências selecionadas demonstram uma aproximação do filme *American Beauty* com o conceito de cultura da mídia, apresentado por Douglas Kellner, no sentido de criticar o sistema estabelecido, e, ao mesmo tempo em que desenvolve esta crítica, encontra espaço de divulgação nos meios de comunicação de massa. Fato que reforça a tese de Kellner que nem tudo é dominação e que há uma disputa no palco midiático por parte de representações que advém da sociedade, movimentos de hegemonia e resistência que se interpõem na programação da mídia. O filme *American Beauty*, mesmo crítico à sociedade norte-americana, recebeu cinco Oscars da academia hollywoodiana, incluindo o de melhor filme.

### **Considerações Finais**

O mundo atual é o palco de uma vasta circulação de informações e entretenimento, peculiaridade esta inserida fortemente no processo de globalização (MARTIN; SCHUMANN, 1998). Com tal abertura dentro da sociedade, uma ampla sequência de intervenções culturais ocorre entre os países e seus povos com grande facilidade e força, implantando-se em nosso cotidiano. É importante ressaltar ainda que, apesar de nos trazer amplos benefícios e facilitadores, tal sistema também apresenta desvantagens em termos da dificuldade de controle de todo esse conteúdo disponível mundialmente.

A difusão maciça da cultura através da mídia (cultura da massa) foi uma demanda acentuada e salientada com a globalização; a sociedade consumidora capitalista vigente faz uso das atividades midiáticas e engrandece a importância destes veículos de comunicação, tornando-os cada vez mais presentes e atuantes em nossas vidas.

É a partir desse contexto que este artigo foi desenvolvido. Focando-se a difusão da cultura norte-americana por meio de filmes, a dupla face de seus aspectos foi trabalhada e exemplificada, ou seja, tanto levantamentos de sustentação como em *Independence Day* (1996) quanto de resistência em *Beleza Americana* (1999), foram apresentados e analisados.



Frente a todo esse cenário, cabe a nós telespectadores, ampliar nossas críticas e não nos deixar levar por comportamentos massivos e pontos de vista pré-estabelecidos pela mídia.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 1985.

BELEZA AMERICANA. Direção de Sam Mendes. Produção de Bruce Cohen, Dan Jinks, Alan Ball e Stan Wlodkowski. Los Angeles (EUA): DREAMWORKS SKG, 1999. 1 DVD (121 min).

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.

INDEPENDENCE DAY. Direção de Roland Emmerich. Produção de Dean Devlin. Los Angeles (EUA): 20th CENTURY FOX, 1996. 1 DVD (144 min).

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

LESSA, Maraisa B.; CAMPOS, Renato Márcio M. Indústria Cultural e Cultura da Mídia: Da Modernidade à Lógica Cultural Pós-Moderna. In: XXVII Intercom, 2004, Porto Alegre. **Anais do XXVII Congresso de Ciências da Comunicação – Intercom**. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/17275>. Acesso em: 14 Jul. 2009.

MARTIN, Hans Peter; SCHUMANN, Harald. **A Armadilha da Globalização**. São Paulo: Globo, 1998.

MORAES, Dênis. **Planeta Mídia: Tendências da Comunicação na Era Global**. São Paulo: Letra Livre, 1998.